

NENHUM ÁLIBI PARA O SER: atos e palavras em disputa no espaço público

NO ALIBI FOR THE SELF: acts and words in dispute within the public sphere

NINGUNA COARTADA PARA EL SER: actos y palabras en disputa en el espacio público

 Ivone Ferreira de Alcantara Oliveira¹

 Helaine de Souza Maciel²

 Fábio Marques de Souza³

1. Graduada em Letras. Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU). Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela Universidade na PUC-SP. E-mail: ivone.alcantara@hotmail.com.
2. Licenciada em Letras – Espanhol. Doutoranda e Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: helaine.smaciell09@gmail.com
3. Licenciado em Letras (Português, Inglês, Espanhol e suas literaturas) e Pedagogia. Doutorado em Educação (USP). Professor da UEPB. E-mail: fabiobhispanista@gmail.com

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão a respeito das relações entre responsabilidade, ato ético e palavra, à luz da filosofia da linguagem de orientação dialógica do Círculo de Mikhail Bakhtin. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, fundamentada nos referenciais de Minayo (2001) e Silveira e Córdova (2009). Ancorados na filosofia do ato responsável, analisamos um episódio concreto da vida pública: o conflito verbal e físico ocorrido em 2024, na TV Cultura, entre os candidatos à prefeitura de São Paulo, José Luiz Datena e Pablo Marçal durante um debate eleitoral, que culminou em uma agressão com uma cadeira, amplamente repercutido nas redes sociais, para discutir a produção ética da palavra e dos atos no espaço social. Partindo de discussões dialógicas, buscamos compreender como atos e palavras constituem movimentos éticos e responsivos, evidenciando que, no espaço público contemporâneo, não há neutralidade nem alibi para o ser. Os resultados apontam para a relevância da perspectiva bakhtiniana tanto na compreensão da dimensão corpórea dos atos quanto na tessitura das palavras em circulação, revelando a multiplicidade de vozes, valores e ideologias que atravessam as vozes sociais em sua singularidade.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; Responsabilidade; Ato ético; Palavra; Filosofia da Linguagem.

RESUMEN: Este artículo propone reflexionar sobre las relaciones entre responsabilidad, acto ético y palabra, a la luz de la filosofía del lenguaje de orientación dialógica del Círculo de Mikhail Bakhtin. La investigación adopta un enfoque cualitativo, de carácter interpretativo, fundamentado en los marcos teóricos de Minayo (2001) y Silveira y Córdova (2009). Anclados en la filosofía del acto responsable, analizamos un episodio concreto de la vida pública: el conflicto verbal y físico ocurrido en 2024, en TV Cultura, entre los candidatos a la alcaldía de São Paulo, José Luiz Datena y Pablo Marçal durante un debate electoral, que culminó en una agresión con una silla, ampliamente difundido en las redes sociales, para discutir la producción ética de la palabra y de los actos en el espacio social. A partir de discusiones dialógicas, buscamos comprender cómo los actos y las palabras constituyen movimientos éticos y responsivos, evidenciando que, en el espacio público contemporáneo, no hay neutralidad ni coartada para el ser. Los resultados señalan la relevancia de la perspectiva bakhtiniana tanto en la comprensión de la dimensión corpórea de los actos como en la trama de las palabras en circulación, revelando la multiplicidad de voces, valores e ideologías que atraviesan los sujetos en su singularidad.

Palabras clave: Mikhail Bakhtin; Responsabilidad; Acto ético; Palabra; Filosofía del lenguaje.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the relationships between responsibility, ethical act, and the word, in light of the dialogically oriented philosophy of language developed by the Circle of Mikhail Bakhtin. The research adopts a qualitative, interpretative approach, grounded in the theoretical frameworks of Minayo (2001) and Silveira and Córdova (2009). Anchored in the philosophy of the responsible act, we analyze a concrete episode of public life: the verbal and physical conflict that occurred in 2024, on TV Cultura between the candidates for mayor of São Paulo, José Luiz Datena and Pablo Marçal during an electoral debate, which culminated in an attack involving a chair, widely circulated on social media, to discuss the ethical production of words and acts in the social space. Based on dialogic discussions, we seek to understand how acts and words constitute ethical and responsive movements, highlighting that, in the contemporary public space, there is no neutrality or alibi for being. The results point to the relevance of the Bakhtinian perspective for understanding both the corporeal dimension of the act and the fabric of circulating words, revealing the multiplicity of voices, values, and ideologies that traverse subjects in their singularity.

Keywords: Mikhail Bakhtin; Responsibility; Ethical Act; Word; Philosophy of Language.

Recebido em: 05/04/2025

Aprovado em: 05/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Na tessitura da vida pública contemporânea, a palavra e o gesto entrelaçam-se como fios tensionados por forças invisíveis, pulsando em cada ato, reverberando em cada enunciação. Se outrora o espaço político se pretendia arena da razão e da argumentação, hoje revela-se como palco de embates éticos atravessado por gestualidades intensas e discursos carregados de valor. A corporeidade do ato e a materialidade da palavra não apenas expressam ideias, mas encarnam conflitos, inscrevendo no espaço social as disputas de sentidos que conformam os sujeitos e suas relações. Em tempos de exacerbação política, é nesse entrelugar – onde a palavra fere, o gesto interpela e o silêncio ecoa – que se revelam as zonas mais profundas da responsabilidade ética e da alteridade.

É nesse cenário que o episódio escolhido para este estudo – o conflito físico e verbal ocorrido entre os candidatos à prefeitura de São Paulo, José Luiz Datena e Pablo Marçal, durante um debate eleitoral, em 2024, amplamente repercutido nos meios de comunicação, inclusive em plataformas como o *YouTube*, reflete as complexas dinâmicas da interação social contemporânea. Dessa maneira, o vídeo que tomamos como recorte analítico “TV Cultura divulga imagens inéditas da cadeirada de Datena em Marçal no debate”, publicado pelo Canal Terra Brasil, em 17 de setembro de 2024, funciona como um documento vivo que tensiona conceitos fundamentais da filosofia da linguagem, ao evidenciar que o gesto e a palavra, longe de serem elementos isolados, se entrelaçam na constituição da vida ética, pública e discursiva. Como aponta Bakhtin (2017, p. 42), “somente na sua totalidade tal ato é verdadeiramente real, participa do existir-evento; só assim é vivo, pleno e irredutivelmente, existe, vem a ser, se realiza”, mostrando que o sentido não se encerra na palavra isolada ou no gesto separado, mas nasce na unidade viva do acontecimento ético.

Sob essa perspectiva, propomos uma análise de um recorte do debate eleitoral à luz das relações entre ato ético, palavra e responsabilidade, tomando como eixo teórico a filosofia da linguagem de orientação dialógica do Círculo de Mikhail Bakhtin. Ancorados nas concepção bakhtiniana segundo a qual o ser humano está irremediavelmente implicado no mundo e diante do outro, sem possibilidade de neutralidade ou abstração, examinamos como os atos e palavras proferidas no discurso, materializam a responsabilidade inescapável do ser expressivo falante. Assim, como enfatiza Amorim (2006), “*Para uma filosofia do Ato*” delinea o projeto inicial da obra bakhtiniana, voltado às questões éticas e a constituição do sujeito no acontecimento concreto da vida, sem separação entre pensamento e existência.

Considerando essas articulações, a questão que orienta este estudo é *como os atos e palavras, no contexto de um evento de conflito público, manifestam responsabilidades éticas dos envolvidos?* O objetivo principal é analisar a produção ética da palavra e dos atos no espaço social a partir de uma perspectiva dialógica, revelando os modos como os sujeitos agem, reagem ou se omitem diante de eventos-limite, bem como os sentidos que se produzem na cadeia dialógica de discursos posteriores ao episódio. Para tanto, propomos investigar: (i) como cada sujeito atuou, seja pela agressão, pela reação, pelo silêncio ou pela intervenção; e (ii) como os discursos subsequentes, comentários públicos, repercussões na mídia, reconfiguram os sentidos a respeito do ocorrido.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, que busca adentrar a complexidade das relações sociais e dos processos simbólicos sem reduzi-los a variáveis pré-determinadas, como propõem Minayo (2001) e Silveira e Córdova (2009). Em vez de capturar o fenômeno por meio de categorizações rígidas, a análise privilegia a fluidez dos sentidos, a historicidade das práticas discursivas e a responsividade dos sujeitos em situação.

A estrutura do artigo organiza-se em três seções delineadas, além desta introdução e das considerações (in)conclusivas. Na primeira seção, *“Palavra e gesto em tempos de crise: uma perspectiva dialógica”*, realizamos uma contextualização teórica sobre a filosofia do ato responsável de Bakhtin e seus desdobramentos na análise das relações éticas e discursivas. Na segunda seção, *“Responsabilidade, silêncio e reação: entre a palavra e o gesto”*, discutimos a atuação dos sujeitos envolvidos e a multiplicidade de vozes que emergem a partir do acontecimento. Na terceira seção, *“O episódio em foco: conflito, atos e palavras em disputa”*, descrevemos e analisamos o evento selecionado, situando-o no cenário político e midiático. Finalmente, nas considerações (in)conclusivas, retomamos as principais reflexões desenvolvidas sobre a ética da palavra no espaço público contemporâneo.

Palavra e gesto em tempos de crise: uma perspectiva dialógica

Toda enunciação se dá em um campo de forças: a linguagem é atravessada por vozes, valores e ideologias em constante embate, não apenas em tempos de crise, mas como condição de sua existência. No cenário contemporâneo, marcado por tensões políticas, polarizações sociais e amplificação midiática dos conflitos, cada ato, cada enunciado, cada silêncio tornam-se carregados de sentidos que extrapolam suas materialidades imediatas. A palavra que circula não é neutra: é uma palavra-situação, impregnada de valores, embates, resistências e responsabilidades. O gesto, por sua vez, torna-se palavra visual, ação carregada de vozes e sentidos históricos.

Mikhail Bakhtin, em sua obra *“Para uma Filosofia do Ato Responsável”* (2017), nos oferece um horizonte teórico capaz de apreender a complexidade dessa trama. Em sua perspectiva, o ser humano não é um espectador do mundo, mas está irremediavelmente implicado nele, participando do evento da existência por meio de atos concretos, únicos e irrepetíveis. Não há, para o sujeito, um “álibi para o ser” – isto é, não existe a possibilidade de abstrair-se, de permanecer neutro diante do outro. Todo ato, todo gesto e toda palavra carregam uma carga intransferível de responsabilidade.

A linguagem, nesse horizonte, não é um instrumento transparente de transmissão de ideias, mas o próprio espaço em que o ser expressivo falante se constrói em relação ao outro. A palavra é, por excelência, dialógica: nasce do entrelaçamento de vozes, das tensões entre valores sociais e das posições éticas dos falantes que a produzem e a recebem. Como afirma Bakhtin (2017, p. 20), “tudo isso que é genérico adquire sentido e valor a partir do lugar único do singular, do seu reconhecimento, na base do seu ‘não-álibi no existir’”. Assim, o “não-álibi” exprime a impossibilidade de o sujeito se ausentar ou se esquivar de sua responsabilidade diante da vida: cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível no existir, e é a partir dessa singularidade que suas palavras e atos adquirem sentido pleno.

Essa concepção permite compreender que, nos espaços públicos contemporâneos – debates eleitorais, manifestações nas redes sociais, embates televisionados –, não estamos apenas diante de trocas argumentativas ou gestos isolados. Cada palavra pronunciada e cada gesto exibido nesses espaços não apenas expressam ideias ou sentimentos individuais: eles são atos carregados de sentidos sociais e históricos, impregnados pela responsabilidade de quem, diante do outro e da coletividade, constrói e disputa sentidos. A palavra e o gesto que emergem dessas cenas não apenas comunicam, mas performam, instauram mundos possíveis e produzem efeitos que ultrapassam o instante da enunciação.

Bakhtin (2017) aprofunda essa dimensão ao afirmar que o ato responsável não pode ser compreendido como um objeto externo de contemplação, mas precisa ser vivido do interior, como expressão singular da existência, pois:

O ato – considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude – seja no seu aspecto conteudístico, seja na sua real facticidade singular; do interior, o ato não vê somente o contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual relaciona tanto *o seu sentido*, assim como *o seu fato*, em que procura realizar responsavelmente a verdade única, seja do fato do sentido, na sua unidade concreta. Por isso é necessário, evidentemente, assumir o ato não como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumido do interior, na sua responsabilidade. Essa responsabilidade do ato permite levar em consideração todos os fatores: tanto a validade de sentido quanto a execução factual em toda a sua concreta historicidade e individualidade; a responsabilidade do ato conhece um único plano, um único contexto, no qual tal consideração é possível e onde tanto a validade teórica, quanto a factualidade histórica e o tom emotivo-volitivo figuram como momentos de uma única decisão. (Bakhtin, 2017, p. 79-80, grifo nosso).

Observa-se que essa perspectiva radicaliza a compreensão do ato como acontecimento único, em que a decisão ética não se separa do vivido, e onde teoria, história e emoção se entrelaçam em um gesto de responsabilidade. Cada ato não ocorre em um vácuo, mas em um plano concreto e singular, onde a decisão não é apenas intelectual, mas é emocional, histórica e implicada com a vivência do sujeito no tempo e no espaço. Em outras palavras, a responsabilidade do ato não pode ser dissociada da individualidade e das circunstâncias em que ele se dá, isto é, a validade do ato, o que ele significa e como ele impacta, depende não apenas de sua teoria ou intenção, mas da história e das emoções que o acompanham. Logo, o ato não é um isolamento abstrato, mas uma manifestação concreta que envolve todos esses momentos.

A responsabilidade é sempre situada: cada sujeito responde a partir do seu lugar único no evento da vida, numa relação de alteridade em que a verdade não é absoluta, mas responsiva. Como observa Bakhtin (2017, p. 104), “a verdade (*pravda*) do evento não é, em seu conteúdo, uma verdade (*istina*), identicamente igual a si mesma; é, ao contrário, a única posição justa de cada participante, a verdade do seu real dever concreto.”. Nesse sentido, a verdade que cada pessoa carrega em sua palavra e gesto não é uma verdade absoluta e universal, mas uma verdade que emerge da posição única e irrepetível do sujeito no momento da interação, ou seja, cada ato de fala ou gesto não é somente uma expressão pessoal, mas uma resposta ética à situação e ao outro, impregnada com responsabilidade.

Ao considerarmos palavra e gesto em tempos de crise, não estamos apenas diante de manifestações comunicativas, mas de atos éticos que instauram sentidos, posicionamentos e mundos possíveis. Desse modo, a relação entre gesto, palavra e compreensão não é automática nem natural: ela se funda na experiência compartilhada e nas responsabilidades ativas dos sujeitos envolvidos. É preciso entender que a palavra e gesto não somente dizem algo, mas se constituem como signos carregados de sentido e de responsabilidade. Para aprofundar essa compreensão, recuperamos a reflexão de Volóchinov (2013), que ilumina a natureza dialógica dos signos:

[...] é necessário que o significado, oculto no gesto da mão de um homem, seja compreensível para outro homem; que este homem saiba estabelecer – graças à experiência precedente – a relação necessária entre esse movimento e o objeto ou acontecimento em cujo lugar ele é empregado. Em outras palavras, o homem deve compreender que esse movimento é portador de um significado, que esse movimento expressa um *signo*. (Volóchinov, 2013, p. 142-143).

Dessa perspectiva, tanto a palavra quanto o gesto, enquanto signos sociais, não podem ser dissociados dos contextos de produção e de recepção em que se inscrevem. Sua interpretação exige, portanto, uma postura ativa do sujeito, capaz de reconhecer a historicidade e responsividade implicadas em

cada ato enunciativo. Como destaca Amorim (2006), o projeto filosófico de Bakhtin articula inseparavelmente linguagem, ética e responsabilidade, convocando-nos a olhar para a palavra e para o gesto não apenas como objetos de análise, mas como modos de participação ativa na construção do real.

É nesse horizonte ético e dialógico que inscrevemos a análise do episódio que serve de fio condutor a este artigo. O conflito físico e verbal ocorrido durante um debate eleitoral – amplamente repercutido nas redes sociais e veículos de mídia – configura-se como um acontecimento carregado de sentidos históricos e afetivos, no qual a palavra e gesto se entrelaçam como aros responsáveis e responsivos. Não se trata de um evento isolado ou de uma “polêmica” efêmera no turbilhão informativo contemporâneo: trata-se da materialização de uma dinâmica social mais ampla, na qual a responsabilidade do ato e da palavra emergem como questão central.

Nesse movimento reflexivo, compreendemos que o ato deve ser inserido em um plano que não separa as dimensões do sentido e da experiência histórica-individual. Para aprofundar essa reflexão, o pensador russo critica a orientação estética influenciada pelo teorismo, que tende a separar o mundo da cultura do mundo da vida cotidiana. Em suas palavras, “Este [o da vida] é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre” (Bakhtin, 2017, p. 43, grifo nosso). O mundo da cultura refere-se à unidade objetiva que define a esfera cultural de cada indivíduo, enquanto o mundo da vida aponta para a singularidade irrepetível da existência vivida, onde o ato responsável ganha significado.

Segundo Bakhtin (2017, p. 44) “[...] eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir”. O ato, nesse sentido, é um modo singular de interpretar o mundo e posicionar-se diante dele, um traço único da inscrição de um sujeito irrepetível na tessitura da vida. Desse modo, reafirmamos a distinção fundamental que Bakhtin estabelece entre ação e ato; a primeira, entendida como um comportamento mecânico, automático ou mesmo impostado – um gesto esvaziado de responsabilidade; o segundo, como movimento ético pleno, em que o sujeito se revela, se compromete e se arrisca na responsabilidade pelo vivido.

Portanto, é nessa chave que a reflexão sobre palavra e gesto, em tempos de crise, nos conduz à uma análise crítica dos modos de ser e de estar no espaço público contemporâneo. Mais do que perguntar *o que* se diz ou *o que* se faz, somos instados a questionar *como* se diz, *como* se faz – e a que ética respondem essas palavras e esses gestos que, atravessando o nosso tempo, nos convocam a um posicionamento responsável.

Responsabilidade, silêncio e reação: entre a palavra e o gesto

A responsabilidade parte do princípio de que é preciso reconhecer-se como agente dos próprios atos e palavras, assumindo, de maneira irreversível, os efeitos que eles produzem no mundo. Para Bakhtin (2017), viver é necessariamente agir, e agir implica assumir o peso ético das próprias ações. A vida, tal como ele defende, não se resume a uma existência contemplativa, mas exige o envolvimento singular de cada ser em sua realidade concreta: “este [o da vida] é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla vive e morre” (Bakhtin, 2017, p. 47, grifo nosso). Assim, responsabilidade não é um adorno posterior ao ato, mas sua condição mesma de possibilidade.

São oportunas as palavras do mestre russo ao ressaltar que cada ato, ainda que aparentemente ínfimo, é vivido de modo integral, envolvendo toda a existência do sujeito. O ato responsável é aquele em que nos posicionamos com a totalidade de nossa vida, sem nos escudarmos no anonimato das ações técnicas

ou impensadas. A responsabilidade, portanto, não é apenas uma questão de escolha moral, mas a própria inscrição do sujeito na história, uma marca irrepetível do seu ser-no-mundo.

Nessas condições, a responsabilidade convoca-nos a pensar também no silêncio e na reação como atos plenos de sentido ético. Não reagir, não falar, não se posicionar – longe de configurar uma neutralidade – pode representar igualmente uma escolha dotada de responsabilidade. Nesse sentido, a ética bakhtiniana não permite a fuga do comprometimento: mesmo o silêncio é um ato que responde, que se inscreve em uma rede de significados e valores. Como alerta Ponzio (2010), diferenciar a ação mecânica do ato responsável é distinguir entre um fazer impensado e um gesto que carrega em si o peso da escolha e da assinatura individual.

Dentro desse contexto, palavra e gesto emergem como expressões indissociáveis do viver-responsável, ou seja, são traços da maneira como cada ser expressivo falante lê o mundo, inscrevendo-se nele de forma singular e irrepetível. A estética da responsabilidade que Bakhtin propõe – contraposta ao estetismo que separa a cultura e vida – implica um engajamento radical, um chamado à participação ativa na construção de sentidos. Dessa maneira, refletir a respeito da palavra e do gesto em tempos de crise é refletir sobre a qualidade da nossa presença no mundo, perguntando-nos, a cada instante, não apenas *o que* dizemos ou fazemos, mas *como* dizemos, *como* fazemos – e em que ética nos reconhecemos e nos responsabilizamos.

Sob essa perspectiva, o indivíduo é compreendido como um sujeito de linguagem, alguém que, ao realizar atos, assume uma posição de responsabilidade no mundo. Segundo Ponzio (2013, p. 235), há uma articulação fundamental entre dois mundos – o da cultura e o da vida –, e essa articulação se realiza no evento singular da experiência vivida. Nesse evento, o sujeito é chamado a responder em uma dupla dimensão “[...] a responsabilidade em relação ao significado objetivo, ou seja, em relação a um conteúdo [...] de um setor da cultura [...] e a responsabilidade em relação à eventicidade única do ato”.

Dentro dessa linha de pensamento, Bakhtin (2017) enfatiza que é apenas por meio da existência concreta, em sua manifestação efetiva e irrepetível, que o sujeito realiza atos singulares. A vida se constrói nesse entrelaçamento com o ato, o que justifica a expressão tão cara a seus estudos: *vida-como-ato* – uma existência que se efetiva como evento, uma vez que:

[...] em seu cumprir-se real – a razão prática – o que, responsabilmente, faz quem quer que conheça, aceitando a responsabilidade de cada um dos atos de sua cognição em sua integralidade, isto é, na medida em que o ato cognitivo como *meu* ato faça parte, com todo o seu conteúdo, da unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo e realizo atos (Bakhtin, 2017, p. 58).

Nessa direção, a reflexão de Bakhtin (2017) formula uma crítica contundente ao teorismo, ao evidenciar o perigo de se privilegiar abstrações em detrimento da experiência concreta e singular da existência. Quando o pensamento se desloca para o campo da generalização, ele se distancia da força ética e vital que emerge da vida vivida. Para o estudioso, mesmo os julgamentos que possuem validade teórica acabam por excluir a presença ativa e responsável daquele que pensa, sente e age no mundo. O saber teórico, embora consistente no plano abstrato, falha em dar lugar ao sujeito real do ato de pensar.

Nesse contexto, o discurso, sobretudo o político, não pode ser compreendido como uma prática neutra ou descomprometida, mas como um ato ético de resposta, no qual o sujeito se insere no fluxo da vida e assume, em cada palavra, uma posição frente ao outro e ao mundo. Além disso, Bakhtin (2017) enfatiza que o ato participativo jamais se realiza isoladamente; sempre se concretiza através de mim e dos outros. Com isso, fundamenta sua concepção de filosofia primeira no conceito de *Ser-evento*: apenas

mergulhados no acontecimento singular somos capazes de acessar a densidade concreta da existência. Afinal, como ele mesmo afirma, “[...] o ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatória singularidade” (2017, p. 99). Logo, essa filosofia primeira, tal como delineada por Bakhtin, convoca o sujeito a uma resposta intransferível à vida, a uma tomada de posição sem subterfúgios, sem o conforto de álibis.

Na tessitura da vida social, onde os seres históricos se entrecruzam, agir responsabilmente implica reconhecer o outro como medida de nossas ações, assumindo, de modo ético e responsivo, o peso e a beleza dos nossos papéis (Silva; Paiva; Santos, 2017). Nessas condições, o projeto de uma prima filosofia confronta diretamente a ética formal kantiana. Ao propor a universalização do dever, Kant desconsidera a especificidade histórica do sujeito concreto. Bakhtin, ao contrário, aponta para a necessidade de uma filosofia que não dissocie o sentido do ato de sua realização singular. Como bem observa Tezza (2003, p. 184, grifos do autor), a superação dessa cisão exige que o Ser-evento seja tomado como centro: “[...] o mundo no qual o ato se torna responsabilmente consciente de si e é realmente desempenhado”.

A prima filosofia trata-se, portanto, de um projeto estritamente filosófico que põs em crise a visão de Kant, da ética material pela universalização do dever, não reconhecer a presença do sujeito no Ser-evento. A questão discutida por Bakhtin, não considerada pelos estudos kantianos é a não cisão/ ruptura entre o sentido de um ato e sua realidade histórica única. Nas palavras de Tezza (2003), essa divisão só pode ser superada quando alinhada a uma proposta filosófica que coloque em destaque o Ser-evento, uma filosofia que represente um mundo em que o ato se reconhece conscientemente e é verdadeiramente realizada de forma responsável.

Nesse sentido, o estudioso (2003) destaca três aspectos fundamentais: (i) o mundo como evento é sempre inacabado, em contínuo devir, sendo algo que se realiza na própria ação; (ii) a palavra viva não se reduz à nomeação de objetos, mas expressa, por meio da entonação, a atitude valorativa do sujeito; e, (iii) o tom emocional-volitivo, longe de ser uma mera reação psíquica, integra o pensamento ao evento vivido como atitude ética. Consequentemente, Bakhtin (2017) argumenta que o conhecimento teórico, ao privilegiar a abstração, acaba por se afastar da existência encarnada do sujeito, esquecendo a riqueza e o valor inalienável da vida singular. Quando se adota apenas a lógica da universalização, conforme a tradição kantiana, corre-se o risco de apagar as nuances emocionais e volitivas que constituem o ser humano em sua inteireza.

Em relação à filosofia primeira, interpretar não é simplesmente captar um significado objetivo, mas sim realizar um ato responsável e responsivo. Desse modo, é notório destacar as categorias de responsabilidade e responsividade. Ser responsável, nesse contexto, significa comprometer-se eticamente com a singularidade da vida, reconhecendo o dever de agir e de responder ao acontecimento que nos interpela. Como reforça Bakhtin (2017, p. 99): “É essa afirmação do meu não-álibi no existir que constitui a base da existência, sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado”.

Nesse processo, toda manifestação humana – seja o pensamento, a palavra, o gesto ou o sentimento – deve constituir-se como ato dotado de responsabilidade. O sujeito é interpelado a se inscrever no mundo de modo ativo, afirmando seu não-álibi e assumindo a singularidade de sua presença. Sobre a centralidade da linguagem, delineia-se que:

Seria inexato crer que esta verdade concreta do ato, que aquele que age no ato singular da ação responsável vê, sente, experimenta e compreende, seja inefável, que, de qualquer modo, só se possa experimentá-la no momento em que se age, mas que não seja possível enunciá-la de maneira clara e distinta. Tenho para mim que a linguagem seja muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza (Bakhtin, 2017, p. 83).

A esse imperativo da responsabilidade soma-se a responsividade, entendida como a disposição de escutar, de acolher e de responder, de forma ética e comprometida, ao chamado do outro e do mundo. Ser responsivo, nesse quadro, é viver não para si, mas a partir de si. Dessa forma, compreender o ato responsivo é reconhecer que cada responsabilidade traz consigo uma resposta ativa diante da singularidade da vida. A filosofia primeira de Bakhtin revela um sujeito único e inacabado, lançado na travessia da existência, onde toda neutralidade se torna impossível. Como sintetiza Ponzio (2009, p. 35), essa proposta não pode ser assimilada pela ética kantiana, pois “[...] não pode beneficiar-se da concepção kantiana ou do renascimento neo-kantismo, ainda que se considere realmente a moral como um problema de particular importância”.

Com esse pensamento, Bakhtin, em sua obra *"Para uma Filosofia do Ato Responsável"*, nos mostra que nossas ações nunca acontecem de forma isolada. Sempre estamos em relação com outras pessoas, mesmo que a ação pareça individual. Nesses termos, a forma que ele chama de “natureza arquitetônica do ato” é justamente essa estrutura da ação humana que depende da presença do outro. Agir com responsabilidade, para ele, é reconhecer que estamos em um mundo compartilhado, onde nossas ações afetam e são afetadas por outras pessoas. Mesmo sabendo que eu sou diferente do outro, ainda assim consigo perceber e reconhecer sua presença. Isso significa que o sujeito “eu” entende que não é o outro, mas ainda assim valoriza o outro, enxerga seu papel no mundo e na relação.

Com esse intento, partimos da colocação de Bakhtin (2017) ao dizer que existem dois centros de valor: o “eu” e o “outro”. Cada um tem seu ponto de vista, seus sentimentos e sua maneira de dar sentido ao mundo e é essa diferença entre os dois que torna o encontro possível e significativo. Dentro desse panorama, tomamos como exemplo, o embate de valores e pontos de vista em situações da vida pública, como aconteceu no confronto entre os candidatos à prefeitura de São Paulo, Datena e Pablo Marçal, durante um debate político. Ambos protagonizaram uma discussão acalorada que culminou em uma cadeirada – um gesto que extrapolou o campo do discurso e passou para o físico. Esse episódio evidencia exatamente o que Bakhtin discute: a linguagem como um ato carregado de valor, em que o “eu” e o “outro” se colocam em confronto, cada um com sua visão de mundo, sua ideologia e sua forma de expressar. Entretanto, o conflito verbal (e depois físico) mostra como o discurso político é também um espaço de embates valorativos e éticos.

Nesse plano, Bakhtin propõe que existem três formas de perceber a relação entre o eu e o outro: o *eu-para-mim* (como eu me vejo), o *eu-para-o-outro* (como os outros me veem) e o *outro-para-mim* (como eu vejo o outro). Essas três experiências fazem parte da vida e mostram como nos colocamos no mundo e como enxergamos os outros. Tudo isso está ligado a valores, ou seja, nossas ações e percepções sempre carregam julgamentos, sentimentos e posicionamentos. Mesmo sendo um texto incompleto e escrito como um rascunho, a obra *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2017) apresenta a ideia de que cada ato é único e irrepetível, que a vida está sempre em transformação e nunca totalmente pronta, que não dá para reduzir tudo a um sistema fechado ou lógico, e que o mais importante na vida humana é o valor – tudo que fazemos ou dizemos carrega um valor.

Assim, o pensamento bakhtiniano revela-se fundamental para compreender as palavras, as expressões, os tons, os temas, mas sobretudo, seu papel na construção de sentidos, na manifestação de

posicionamentos e na expressão de valores. Isso quer dizer que, em um mundo marcado por disputas simbólicas e embates ideológicos constantes, como o evidenciado no confronto entre Datena e Marçal, torna-se cada vez mais necessário reconhecer a linguagem como espaço de responsabilidade, de diálogo e de ação. Desse modo, reafirmarmos que todo discurso é um gesto ético, carregado de intenções, emoções e consequências – e é justamente aí que reside a força transformadora da palavra.

O episódio em foco: conflito, atos e palavras em disputa

No cenário político brasileiro contemporâneo, a interseção entre política e espetáculo midiático torna-se cada vez mais evidente, especialmente em períodos eleitorais marcados pela polarização e pela crise de credibilidade das instituições democráticas. Nesse contexto, a confiança do público brasileiro nos representantes e nas instâncias tradicionais de mediação política foi profundamente abalada, alimentando tanto o fortalecimento de discursos radicais quanto a espetacularização do debate público. Desse modo, a política não somente se aproxima das lógicas midiáticas, como também se transforma em performance, em que o apelo emocional, a agressividade verbal e a teatralização do conflito assumem protagonismo.

Um desses episódios emblemáticos ocorreu durante um debate político entre candidatos à prefeitura de São Paulo, transmitido pela TV Cultura em 15 de setembro de 2024. Tratava-se de um evento institucional de interlocução pública, regido por normas que pressupunham formalidade e responsabilidade dos participantes no exercício do discurso político. Disponibilizado posteriormente pelo Canal Terra Brasil na plataforma do *YouTube*, em 17 de setembro de 2024, o debate visava o confronto de ideias e a exposição de propostas, tendo como público-alvo os eleitores paulistanos e seguindo protocolos de civilidade respeito. Participaram diversos candidatos, entre os quais José Luiz Datena e Pablo Marçal, protagonistas do episódio que viria a ganhar grande repercussão nacional, ao protagonizarem um desentendimento verbal que culminou em um gesto físico inusitado: uma cadeirada.

Mais do que um mero incidente, o acontecimento inscreve-se no espaço do discurso, revelando o embate entre palavras, gestos e sentidos em disputa. Neste percurso analítico, propomo-nos a investigar essa cena a partir da articulação entre imagem, fala e repercussão pública, compreendendo o episódio como um acontecimento discursivo que ecoa a crise contemporânea do diálogo político. As condições de produção do discurso, portanto, eram regidas por normas institucionais que buscavam garantir a civilidade e a responsabilidade na interlocução – normas essas abruptamente rompidas no momento do conflito físico.

Tradicionalmente voltado ao embate verbal e à construção argumentativa, o debate foi abruptamente interrompido por um ato de violência física, rompendo as expectativas de civilidade e de responsabilidade ética que sustentam a comunicação pública. Como propõe Bakhtin (2017), cada ato realizado em situação concreta carrega uma responsabilidade singular, individual e intransferível. O autor destaca ainda que não existe “álibi” para o sujeito no mundo – cada um é chamado a responder integralmente pelo seu ato no contexto vivido, sem possibilidade de substituição ou justificativa externa, ou seja, “não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um modo singular e único*.” (Bakhtin, 2017 p. 96) Dessa maneira, o rompimento do pacto discursivo no debate transgride normas institucionais, bem como revela uma falha ética no exercício da responsabilidade constitutiva do agir humano em esfera pública.

Ao observar o *Youtube* como um site de rede social e, sobretudo, como um ambiente dialógico que favorece a emergência de discursos dissonantes, especialmente nas interações presentes nos comentários da plataforma (Coruja, 2018), tornou-se imprescindível exercitar a criatividade metodológica (Gómez,

1996). Nesse sentido, compreendemos que, nesse cenário virtual, encontramos um espaço de vozes heterogêneas, atravessadas pela performatividade e pelo diálogo, em que o público reage e se expressa através de palavras, sendo também, “o sujeito de uma experiência coletiva, de uma opinião ou juízo público, de uma crítica, de aprovação ou desaprovação, ou de um desempenho” (Babo, 2013, p. 232).

Nesta produção, a análise do episódio concentra-se em duas dimensões complementares: a imagem (captura fotográfica dos momentos de tensão) e a reação pública (comentários de *internautas*), buscando compreender como se configuram, discursivamente, as relações de responsividade, responsabilidade e valoração axiológica em torno do acontecimento. A disputa verbal entre Datena e Marçal evoluiu rapidamente para um cenário de tensão crescente, em que as acusações mútuas e os gestos de provocação instauraram um cronotopo do confronto: um espaço-tempo saturado de expectativas de ruptura, no qual o embate de palavras prenunciava a irrupção da violência física. Nesse contexto, a cadeirada não constituiu um gesto isolado, mas a continuidade de um conflito discursivo que, excedendo os limites da linguagem, transbordou em ato.

Na perspectiva de Bakhtin (2017), o ato ético não é apenas verbal, mas integra o agir do sujeito em sua totalidade situada. Quando a palavra já não basta, quando se torna saturada e incapaz de conter a tensão axiológica do encontro, o gesto surge como desdobramento inescapável da responsabilidade vivida naquele instante concreto. Assim, a cadeirada expressa a falha da responsividade verbal e marca a passagem dramática do discurso ao ato físico, revelando o grau extremo de envolvimento ético do sujeito na situação. A imagem 1, a seguir, condensa uma série de elementos visuais que intensificam o conflito. Trata-se de um recorte significativo que permitirá observar, no plano da visualidade, os índices pré-discursivos e gestuais da tensão instaurada.

Imagem 1 - Ruptura do pacto discursivo: o instante da violência em cena



Fonte: Imagens extraídas do Canal Terra Brasil – Youtube (2018).

O vídeo apresenta uma cena curta, mas intensa em sua carga simbólica: uma única frase é proferida, enquanto imagens se repetem, reforçando a atmosfera emocional que o enunciado carrega. A escolha por esta concisão estética, ao invés de limitar, expande a potência interpretativa da obra, abrindo espaço para que o público intervenha e preencha as lacunas com suas próprias vivências, expectativas e afetos. É neste intervalo, entre o que é mostrado e o que é silenciado, que o ato responsivo do espectador se ativa, inscrevendo sua palavra no tecido polifônico do diálogo. Nos rostos tensos dos candidatos, na postura corporal defensiva ou agressiva e na disposição espacial dos corpos e objetos, observa-se a materialização do embate que se anunciava.

A cadeira, transformada de objeto utilitário em arma simbólica, rompe a ordem esperada do debate democrático, instaurando um novo regime de sentido em que o corpo fala com agressividade o que as palavras já não conseguiam conter. A fala do candidato Marçal – “[...] *você atravessou o debate esses dias para me dar um tapa, falando ai, falou que queria ter feito, você não é homem nem pra fazer isso. Você não é homem ...* ((momento da cadeirada))” – revela uma escalada verbal em que insultos, interrupções e acusações configuram uma atmosfera discursiva de antagonismo e deslegitimação mútua.

Na sequência dos acontecimentos, observa-se que o comportamento dos participantes diante da cena de violência. Inicialmente, cada candidato encontra-se posicionado em seu púlpito, conforme a disposição prevista para o debate, exceto Datena, que, rompendo o protocolo, deixou seu local para agredir fisicamente Marçal. Essa movimentação espacial já sinaliza a quebra simbólica das regras do jogo democrático, que prevê o confronto de ideias e não de corpos. Na imagem ao lado, nota-se o comportamento dos candidatos situados nos púlpitos laterais: alguns aproximam-se para conter a situação; outros mantêm distância, manifestando receio diante da escalada da agressividade. As reações variam entre tentativas de mediação e a expressões de espanto, compondo um quadro de desestabilização do espaço institucional.

As palavras, carregadas de tonalidades valorativas, perdem seu papel de mediação racional e transformam-se em armas discursivas de ataque e defesa. O discurso deixa de ser um espaço de argumentação e converte-se em um catalisador de tensões, desenhando um cronotopo de conflito no qual o tempo e o espaço se condensam no instante de ruptura. A expressão facial de raiva de Datena, seu semblante tenso, a voz elevada e o gesto abrupto de abandonar o púlpito para lançar uma cadeira contra Marçal evidenciam uma perda de controle emocional, socialmente interpretada como sinal de fragilidade argumentativa. Após esse primeiro gesto, Datena ainda tenta lançar uma segunda cadeira, sendo contido por seguranças e pelo candidato Ricardo Nunes. Em contraste, Marçal reage de maneira defensiva, protegendo-se com os braços – postura que, no imaginário social, associa-se à posição de vítima. Em torno dessa dinâmica central, emergem reações diversas dos presentes (mediadores, candidatos e telespectadores) expressas em palavras de inquietação, gestos de contenção e expressões de reprovação.

Nessa moldura visual, o espaço do debate transforma-se em palco de disputas não apenas políticas, mas éticas e simbólicas. A intensificação das acusações, dos gestos provocativos e o tom exaltado prenuncia a irrupção do ato físico, ultrapassando os limites da linguagem institucional. Na perspectiva dialógica bakhtiniana, a colisão de palavras evidencia a sobreposição de diferentes sistemas de valores: de um lado, a evocação da autoridade e da ordem; de outro, a resistência e a contestação. O ambiente torna-se visivelmente tenso, e as expressões de espanto e censura dos presentes indicam que o ato extrapolou os limites do aceitável na política institucional, ferindo os princípios de civilidade que regem os espaços de interlocução democrática.

Como enfatiza Brait (2010), a linguagem no espaço social contemporâneo configura-se em tramas verbo-visuais, nas quais palavra, imagem e gesto articulam sentidos de forma integrada e indissociável. No episódio analisado, o gesto violento e as expressões faciais dos participantes, combinados com o discurso verbal que os antecede e sucede, compõem uma cena em que a materialidade verbo-visual da linguagem é determinante para a construção dos sentidos do acontecimento. Assim, a análise das imagens revela que, no campo verbo-visual, a violência física, a tensão corporal e a perplexidade captadas pelas câmeras reforçam e amplificam o significado simbólico do rompimento do pacto democrático.

O gesto da cadeirada, protagonizado por Datena, representa o ápice do transbordamento discursivo: quando as palavras saturam-se de tensão e perdem sua capacidade de contenção simbólica, o corpo irrompe como meio de expressão. Na perspectiva de Bakhtin (2017), a linguagem é sempre valorada e material, e o

corpo, inserido no mundo social, também participa da produção de sentidos. A violência, nesse contexto, não se configura como acidente isolado, mas como a consequência da escalada discursiva e axiológica instaurada no embate. Palavra e gesto, portanto, articulam-se num mesmo processo de significação, revelando o esgarçamento do tecido comunicacional e a falência do espaço público como arena de debate responsável.

No intuito de observar as interações do público na caixa de comentários do canal analisado, realizamos um recorte de **quatro comentários**, selecionados a partir de um universo total de **1.593 registros** disponíveis. A vastidão desse material revelou uma multiplicidade de vozes, tons, afetos e tensões que compõem a arena polifônica da plataforma. Reconhecendo que os seres expressivos falantes – tanto do público quanto da produção de conteúdo – transitam entre diversas redes sociais digitais, constituindo ecossistemas discursivos amplos e interconectados, escolhemos comentários que nos permitissem acompanhar o movimento vivo dos sentidos em disputa, os gestos de identificação, de confronto e de ressignificação em torno da obra audiovisual. A seguir, no Quadro 1, apresentamos comentários dos interlocutores do *Youtube*:

Quadro 1: Comentários dialógicos

Nº	Comentários do <i>Youtube</i>	Curtidas e Reações
1	“É mínimo que os políticos merecem sem distinção. Cadeirada hoje, cadeirada amanhã, cadeirada sempre”	(1,3 mil curtidas; 34 respostas).
2	“O Pablo é metido a maloqueiro, mas foi pro hospital por causa disso”	(674 curtidas; 22 respostas).
3	“Pela provocação Marçal merecia era uma mesada!”	(129 curtidas).
4	“O povo minimamente sábio, NÃO VOTARIA EM NENHUM DOS DOIS CANDIDATOS”	(562 curtidas; 61 respostas).

Fonte: Elaborados pelos autores a partir dos comentários do Canal Terra Brasil no *Youtube* (2024).

A repercussão do episódio nas redes sociais atravessou diversos espaços midiáticos, revelando uma multiplicidade de leituras e valorações que expõem o modo como o público ressignifica o acontecimento. Na imprensa, os relatos oscilaram entre a condenação do ato como falência da civilidade política e a exploração sensacionalista do episódio como espetáculo. Já nas mídias alternativas e nas redes sociais, especialmente no *YouTube*, o evento foi rapidamente ressignificado: ora como símbolo do descrédito generalizado na política institucional, ora como objeto de humor, escárnio e ironia. Esses atos de linguagem realizados pelos *internautas* (comentários, réplicas, reações) delineiam uma recepção heterogênea que ora condena, ora banaliza o conflito.

Bakhtin (2017) evidencia que o sentido de um acontecimento discursivo não pertence exclusivamente a seus protagonistas: ele é disputado, refratado e continuamente renegociado na arena pública. A recepção popular do episódio revela, assim, não apenas a crise de legitimidade política, mas também a precarização da palavra como instrumento de interlocução ética, progressivamente substituída pela banalização humorística e pela saturação da crítica social. Nessa perspectiva, o pensador russo reforça que a linguagem é, por essência, responsiva: todo enunciado é resposta a outros e convite a novas respostas.

No primeiro comentário – “É mínimo que os políticos merecem sem distinção. Cadeirada hoje, cadeirada amanhã, cadeirada sempre” – o enunciador manifesta uma crítica generalizada e corrosiva às figuras políticas, naturalizando a violência como resposta legítima a insatisfação popular. Este ato de fala carrega uma tensão temporal: afirma uma obviedade ainda não realizada, expondo o conflito entre o desejado e o vivido. Em termos bakhtinianos, é o clamor de uma consciência que, ao se dirigir ao outro,

revela a insuficiência da própria realidade em responder a essa expectativa ética. A violência, nesse caso, é investida de valor simbólico, como uma prática desejável no enfrentamento à falência representativa da política.

Já o segundo comentário – *“O Pablo é metido a maloqueiro, mas foi pro hospital por causa disso”* – revela a oscilação entre a ironia e o desprezo, desqualificando a imagem pública de Marçal ao sugerir que sua postura agressiva não se sustentou diante da violência real. Este enunciado se constrói como uma resposta que deslegitima a performance de masculinidade e força encenada no debate. À luz da filosofia do ato responsável, podemos ler esse discurso não somente como uma crítica pontual à figura de Marçal, mas como denúncia de uma incoerência ética e performática que, para o *internauta*, revela a falsidade do *ethos* projetado pelo candidato.

O terceiro comentário – *“Pela provocação Marçal merecia era uma mesada!”* – apresenta um enunciado que desloca o eixo da violência física para o campo da punição simbólica, sugerindo, por meio do humor e da ironia, que a violência verbal de Marçal deveria ser sancionada, mas em outra medida. Esse comentário performa uma ideia de justiça retributiva comedida, na qual a agressão não é plenamente endossada, mas reapresentada como uma forma de “correção” humorística e proporcional.

No quarto e último comentário – *“O povo minimamente sábio, NÃO VOTARIA EM NENHUM DOS DOIS CANDIDATOS”* – manifesta-se cansaço crítico mais profundo em relação ao cenário político representado pelos dois protagonistas do episódio. Aqui delinea-se uma rejeição tanto à violência em si quanto à qualidade moral e política dos representantes em disputa, sinalizando a erosão da confiança e a descrença generalizada na esfera eleitoral como meio legítimo de transformação. Em termos bakhtinianos, o ato responsivo recusa o horizonte discursivo proposto e busca instaurar um novo horizonte ético, ainda que sem oferecer uma alternativa concreta. Assim, a responsabilidade manifesta-se no julgamento ético que o enunciador faz do impacto do discurso sobre a coletividade.

Em um espaço público fragilizado – onde a espetacularização substitui o debate e a palavra perde sua potência de mediação –, o gesto violento se torna a expressão última de uma crise discursiva que compromete os fundamentos éticos da vida democrática. O esgarçamento do tecido comunicacional e a falência do espaço público como arena de debate responsável projetam no gesto a falência de uma ética da palavra. Ao substituir o argumento pelo ataque físico, instaura-se um novo regime de sentidos: da argumentação verbal ao conflito corporal, da disputa retórica à afirmação da força bruta. Essa ruptura desestabiliza a imagem pública do candidato como figura racional, projetando sobre ele a marca da irracionalidade e do autoritarismo simbólico.

Considerações (in)conclusivas

À luz da filosofia do ato ético de Bakhtin (2017), compreendemos que, na vida política, cada enunciado e cada gesto carregam a exigência inelutável da resposta e da responsabilidade. A ruptura do discurso pelo ato físico, nesse contexto, não se configura como mero desvio ocasional, mas como expressão visível da precarização ética do espaço público contemporâneo. A disputa verbal entre Datena e Marçal evoluiu rapidamente para um cenário de tensão crescente: as acusações mútuas e os gestos de provocação instauraram um cronotopo do confronto, em que o embate de palavras prenunciava a irrupção do gesto. A ação da cadeirada, nesse sentido, não foi um ato isolado, mas a continuidade saturada de um conflito discursivo que, transbordando, encontrou no corpo sua expressão última.

Na perspectiva dialógica, o embate revela o choque de opiniões e a colisão de diferentes esferas axiológicas distintas. De um lado, invocava-se a autoridade da ordem e da segurança pública; de outro, afirmava-se a resistência e a contestação. A fala, a entonação e o gesto, fundidos no instante da agressão, corporificam a luta por legitimação perante o público, encenando no corpo o que a palavra já não conseguia conter. A recepção do episódio nas redes sociais explicitou a multiplicidade dos sentidos: para uns, a cadeirada simbolizou o colapso da civilidade política; para outros, converteu-se em objeto de escárnio e de descrédito generalizada da arena eleitoral.

O debate analisado evidencia que a substituição da argumentação pelo ataque físico não constitui um episódio fortuito, mas antes revela o sintoma de uma degradação mais ampla, em que o espaço público, ameaçado pela espetacularização, assiste à corrosão dos princípios éticos da interlocução. Refletir sobre o acontecimento nos permite reconhecer que, na arena política atual, a responsabilidade pela palavra – compromisso ético intransferível com o outro e com o mundo – encontra-se em permanente ameaça, substituída frequentemente pelo embate destrutivo, em detrimento da construção dialógica.

A dinâmica responsiva entre os enunciados dos políticos, o gesto da cadeirada e os comentários dos *internautas* evidenciam o caráter polifônico da cena pública. Nas redes sociais, alguns reativaram *slogans* históricos – como a paródia “cadeirada hoje, cadeirada amanhã, cadeirada sempre” –, reinterpretando o ato como forma legítima de protesto ou como denúncia irônica da degradação do debate político. Outros deslocaram o acontecimento de um episódio de descontrole individual para uma metáfora do colapso democrático. Ao circular pela arena digital, o episódio sofreu múltiplas reacentuações, confirmando o princípio bakhtiniano de que os sentidos não se fixam, mas se refazem incessantemente no processo de interlocução social.

Sob a luz do pensamento bakhtiniano, compreendemos que todo gesto e toda palavra lançados no mundo carregam a marca irreversível da responsabilidade. Nenhum discurso se fecha sobre si mesmo: ele clama, sempre, por uma resposta viva, renovando a exigência ética do encontro com o outro. Nesse horizonte, essa cena da cadeirada, ao rasgar o tecido do diálogo, não apenas expôs a falência momentânea de um debate, mas também nos interpela sobre o lugar que ainda reservamos à palavra na construção da vida pública. Portanto, a inacababilidade de nossos atos nos convoca, incessantemente, a resistir à barbárie, restaurando na palavra – e no risco que ela comporta – a possibilidade de uma interlocução verdadeiramente responsável.

Referências

- AMORIM, Marília. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (orgs). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Vozes; Petrópolis, 2006.
- BABO, Isabel. O acontecimento e seus públicos. **Comunicação e Sociedade**. v.23, p. 218-235, 2013.
- BRAIT, Beth. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 193-228.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

CORUJA, Paula. Comentários do Youtube: uma proposta metodológica de análise a partir de uma pesquisa realizada no canal *jout jouit prazer*. (Org.s) MORALES, Yvets; SOUSA, Leila; LAPA, Bruna. In: **Experiências metodológicas em pesquisas da comunicação**. São Luís: EDUFMA, 2018. Disponível em: https://www.processocom.org/wp-content/uploads/2019/03/Experi%C3%Aancias-metodol%C3%B3gicas-em-pesquisas-da-comunica%C3%A7%C3%A3o_compressed.pdf . Acesso em: 27 abr. 2025.

GOMÉZ, Guillermo Orozco. La investigación em comunicación desde la perspectiva cualitativa. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Bakhtin**. Tradução de Valdemir Miotello, Hélio Pajeú, Carlos Turati e Daniela Mondardo. São Carlos: Pedro & João, 2013.

_____. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In.: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010, p. 09-38.

_____. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Fabíola Nóbrega; PAIVA, Roberta Soares; SANTOS, Ronilson Ferreira dos. O ato responsável para Bakhtin como filósofo da linguagem: a gênese do dialogismo e o contraponto com a pós-modernidade. In.: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Morais; ALMEIDA, Maria de Fátima; FRANCELINO, Pedro Farias. (Orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 97-111.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

TERRA BRASIL. **TV Cultura divulga imagens inéditas da cadeirada de Datena em Marçal no debate**. YouTube. 17 de set. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2ZlFPxjE2HE&ab_channel=TerraBrasil . Acesso em: 18 de abr. 2025.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio 240 de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin. Nikolaevich. Que é a linguagem? (1930). In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013, p. 131-156.